

**Do ensaísmo biográfico à prosa científica:
resenha de *Quando deixamos de entender o mundo*, de Benjamín
Labatut**

**From biographical essayism to scientific prose:
review of *Quando deixamos de entender o mundo*, by Benjamín Labatut**

Paulo Roberto Barreto Caetano¹

Um livro que pode interessar àqueles que têm ambição intelectual para com exatas (Matemática, Física, Astronomia, Química...), bem como àqueles que têm vocação cognitiva para Humanas (Literatura, Filosofia, Antropologia...).

Seria prático um mundo exemplar, um planeta-futuro, um análogo da Terra 3 mil anos à frente, o qual pudéssemos observar e depreender leis naturais, asseverar padrões biológicos, prever tendências climáticas e cenários geofísicos. Isso ajudaria, por exemplo, a explicar como impressionantemente opera a mecânica quântica. Todavia essa exemplaridade não existe aparentemente, cabendo a alguns cientistas de ponta explicar fenômenos complexos, criar teorias contundentes, as quais, não raramente, desembocam não “apenas” em modelos teóricos, mas também em produtos com alto poder de

¹ Paulo Roberto Barreto Caetano é professor de Literatura e outros sistemas semióticos na Unimontes. Tem Graduação em Letras pela UFMG, mestrado em Teoria e História Literária pela Unicamp, doutorado em Literatura Comparada e Teoria da Literatura pela UFMG. É autor de *Achados Avulsos* (2019) e *Ensaaios, Orelhas e Prefácios* (2021), ambos disponíveis gratuitamente no <https://unimontes.academia.edu/PauloCaetano>. Seguem os outros dados: E-mail: paulorcaetano@yahoo.com.br . Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9047576130682712> . Orcid: 0000-0002-0804-6551

destruição. Tais consequências podem criar cenários incontornáveis para o viver comunitário e para o pensamento, ligando áreas distintas como Física Nuclear, Ética, Prosa Biográfica. O leitor de *Quando deixamos de entender o mundo*, de Benjamín Labatut, publicado pela editora Todavia em 2022, com tradução de Paloma Vidal, vai ter em mãos um texto que faz encontrar Química, Filosofia e Estudos Literários.

Isso pode ser visto no ágil tom de relato que compõem os cinco textos do livro. Apesar de a ficha catalográfica informar que se trataria de contos, o que se vê ali parece fulgurar mais como relatos inicialmente. Todavia, com o fluir das páginas, o texto, inclassificável, tenda mais para um caráter ensaístico, por haver ali aventuras do pensamento, como diria Starobinski (2011), experimentações narrativas que se valem de passagens cujos teores tocam o digressivo científico e o narrativo biográfico. Mais do que explicar como tal problema foi resolvido matematicamente, a voz elucidadora ali procura narrar (descrever? contar? fabular?) o contexto em que figuras centrais da ciência resolveram problemas-chave nos últimos séculos. Exemplo disso é o caso do homem que “extraiu pão do ar”: Haber-Bosch conseguiu retirar nitrogênio do ar, o que colaborou para criação de um fertilizante fundamental à vida humana (ocasionando, por conseguinte, aumento na produção de alimentos e crescimento da densidade demográfica). O “pão do ar” também ensejou outro provimento:

(...) matéria-prima [para a Alemanha] de que precisava para continuar produzindo pólvora e explosivo durante a Primeira Guerra Mundial (...) aumentando as baixas de ambos os lados em vários milhões de pessoas.”. (LABATUT, 2022, pág. 30). [colchetes nossos].

A citação sugere que sociedades complexas tendem a criar, para problemas contundentes, soluções intrincadas, as quais podem ser instrumentalizadas por fins diversos ulteriormente. É como se o mergulho vertiginoso e exitoso numa área (Física ou Química etc.) trouxesse uma solução; entretanto o desbravamento científico suscitaria discussão sobre o viés moral do avanço nas Ciências – matéria profícua para, por exemplo, a Eco-crítica ou a Filosofia Moral.

Se *Quando deixamos de entender o mundo*, de Benjamín Labatut, pode interessar àqueles que têm ambição intelectual pelas chamadas *Hard Sciences*, o livro pode também tomar de assalto os mais experimentados nos Estudos Literários, já que o texto em pauta reverbera, de modo alusivo, figuras centrais do século XX, tais como Jorge Luis Borges, Ricardo Piglia, Italo Calvino, Roberto Bolaño.

De Borges, seria possível citar inicialmente pelo menos dois textos que parecem criar substrato em Labatut: *O livro dos seres imaginários* e “O idioma analítico de John Wilkins”. No primeiro, vê-se o que seria uma enciclopédia de monstros, de seres mitológicos, os quais são descritos em parciais verbetes. Estes parecem ter sido escolhidos para minar a pretensa totalidade que era atribuída às enciclopédias, esses volumes que pretendiam conter todo o conhecimento produzido no mundo. A proposital limitação desses pequenos textos no livro de Borges sugere que a epistemologia é, não raramente, incompleta e parcial, que o conhecimento (e a maneira de registrá-lo) não dá conta dos fenômenos, essas instâncias esquivas, passíveis de perspectivização e soluções temporárias. No segundo, “O idioma analítico de John Wilkins, vê-se principalmente o colapso das categorias, como apontou Michel Foucault em *As palavras e as coisas*: a maneira como se constrói o conhecimento diz da maneira de construir esse conhecimento. A taxonomia chinesa, oriunda de uma enumeração caótica, causa estranhamento devido ao imaginário Ocidental que colonizou não somente nosso repertório, mas o inconsciente, como se gerasse de antemão uma expectativa enviesante das explicações científicas. O eco borgeano em Labatut poderia ser visto ainda nos jocosos engodos concebidos pelo escritor argentino acerca de figuras e livros que parecem não existir (como “A aproximação a Almotásim”), deixando o leitor numa situação instável. Algo de Borges poderia ser visto também no gosto em narrar fatos que a voz ensaística pouco conhece, como o próprio escritor já assumira numa autobiografia (cf. BORGES, 2009, pág. 74). Todavia desenvolver isso ultrapassaria o cuidado com o *spoiler* que uma resenha deve manter.

De Piglia, seria possível citar os diários de Emilio Renzi, nos quais se vê uma reflexão metalinguística sutil: o que comporta a literatura? O “gênero” diário ensaja à voz que tudo registra as mais diversas circunstâncias e sequências discursivas: encontros afetivos, projetos de livros, planos de aula, listas heteróclitas, impressões sobre filmes, considerações crítico-teóricas sobre romances, lembretes de demandas ordinárias por

resolver: “Um diário é também uma máquina de registrar acontecimentos, pessoas e gestos”. (PIGLIA, 2019, pág. 18). Como se se valesse dessa sondagem, desse jogo de liberdade e rigor, o livro de Labatut faz imiscuir biografia e divulgação científica, Eco-crítica e devaneio, sugerindo que o fazer científico se vale da inventividade, e a ficcionalização, por sua vez, usa de diferentes expedientes linguísticos.

De Calvino, poder-se-ia citar a concepção de espaço oriunda de escolhas que não concernem especificamente ao planejamento urbano, paisagismo, ou algo que o valha:

A forma como esta pequena cidade é construída é muito estranha. Qualquer caminho que você tomar invariavelmente o levará a um pequeno pedaço de mata escondido em seu extremo mais baixo, uma das poucas áreas que sobreviveu ao incêndio gigante que devastou a região no final dos 1990, ameaçando a existência da própria cidade. (LABATUT, 2022, pág. 167).

O excerto acima, principalmente o início da segunda frase, poderia facilmente estar em *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, seja pelo tom, seja pelo conteúdo. Tomando utopia, basicamente, como concepção de espaço, de cidade, e, por outro lado, distopia como criação de um lugar hostil à espécie humana, *Quando deixamos de entender o mundo* sugere que a passagem de um para outro pode se dar de modo repentino: uma cidade relativamente amena torna-se um local inóspito devido a uma bomba que repentinamente cai, podendo ser inviabilizada por uma substância que subitamente corrompe o ar. A cidade, o país podem ainda ser concebidos como resposta a isso (pensemos em Roterdã ou Japão e seus afãs de se reconstruírem pós-guerra, o que gerou cidades de ímpetos e arranha-céus enfaticamente modernos, valendo-se de tecnologia e grandiosidade).

De Bolaño, é observável uma comunidade de personagens – não tão vasta como em *Os detetives selvagens* – mas de proporções grandiosas, cujo legado, físico e imaterial, é provavelmente imensurável. O vínculo entre os personagens criado por Benjamín Labatut vem como uma novela das *Hard Sciences*: quando algumas teses contundentes na Exatas chegam à banca, acontecem, numa vasta comunidade acadêmica, reações fortes – admiração, inveja, assombro, reclusão... Assim o autor chileno (Labatut) narra um *back stage* da Astronomia, mostrando que temos fascínio não só pelas explicações científicas,

mas pela maneira como cientistas convivem entre si, suas intimidades, eventuais inaptidões para o cotidiano, suas respostas inapropriadas para o sucesso alheio, os nós psíquicos que desafios cognitivos geram. A biografia atribuída aos notáveis é diversa e admirável: pobreza e riqueza, disciplina e excentricidade, são alguns aspectos (tidos como) biográficos de Heisenberg e Einstein que fascinam os olhos distanciados do leitor que se depara com a vida escrita desses cientistas, misto de investimento em problemas matemáticos somados a um dia a dia peculiar.

A fluidez sintática desses quatro autores, bem como a ausência de cacoete estilístico, poderia ainda ser citados como influência em Labatut. Esses dois aspectos colaboram para que o leitor se demore na leitura sem dela dar conta do tempo investido, vencendo páginas em poucos minutos, ao ligar, a voz ensaística, assuntos aparentemente prosaicos (intimidade) a tópicos complexos (Ciência). Desse modo, *Quando deixamos de entender o mundo* pode interessar àquele leitor da Exatas, bem como ao da Humanas, sugerindo, o livro, que essas áreas conversam entre si, que a intimidade se liga ao fazer científico, que a ciência se vale da fabulação, da inventividade, seja para divulgá-la, seja, antes, para criá-la, e que a Literatura é circunstância de investimento na linguagem, reflexão esquiva sobre modos de contar histórias.

Referências bibliográficas

BOLAÑO, Roberto. *Os detetives selvagens*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Tradução Carmen Vera Cirne Lima. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

BORGES, Jorge Luis. *Otras inquisiciones*. Madri: Alianza Editorial, 1989.

BORGES, Jorge Luis. *Ensaio autobiográfico*. Tradução Maria Carolina de Araujo e Jorge Schwartz. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAETANO, Paulo R. B. *Memória e estranhamento em Poemas, Traduções e Ensaios de José Paulo Paes*. Tese de doutorado. UFMG, 2015. Disponível em https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-9W8L4G/1/tese_paulo_caetano.pdf Acesso em 23 de julho de 2022.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

LABATUT, Benjamín. *Quando deixamos de entender o mundo*. Tradução Paloma Vidal. São Paulo: Todavia, 2022.

PIGLIA, Ricardo. *Anos de formação: os diários de Emilio Renzi*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Todavia, 2017.

PIGLIA, Ricardo. *Os anos felizes: os diários de Emilio Renzi*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Todavia, 2019.

STAROBINSKI, J. É possível definir o Ensaio? Tradução Bruna Torlay. In Remate de Males. Campinas, SP, v. 31, n. 1-2. 2011. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636219> Acesso em 23 de julho de 2022.

AUTOR 1: Paulo Roberto Barreto Caetano
E-mail: paulorcaetano@yahoo.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0804-6551>

Recebida em: **25 jul. 2022**
Aprovada em: **24 ago. 2022**